

Instabilidades da cultura digital na representação do discurso outro: práticas de letramento acadêmico de universitários brasileiros e franceses

Gabriel Guimarães Alexandre*

Cristian Imbruniz**

Resumo

Com base em pressupostos teóricos dos estudos de letramentos e da análise do discurso de linha francesa, este artigo tem como objetivo investigar a representação do discurso outro (RDO) em práticas de letramento acadêmico de universitários do Brasil e da França, quando da demanda institucional de análise de *fake news* em atividades de leitura e escrita. A hipótese de partida é a de que, em contexto de combate à desinformação, a presença da RDO se estruturaria segundo instabilidades próprias à cultura digital desses estudantes brasileiros e franceses. O *corpus* da pesquisa é constituído de produções textuais escritas de universitários ($n = 203$), coletadas numa universidade do Brasil e numa universidade da França em duas atividades realizadas com formulários *on-line*. A organização do material e da análise foi realizada com auxílio do *software* MAXQDA, privilegiando-se, para este trabalho, as formas marcadas de discurso direto (DD) e de discurso indireto (DI). Os resultados corroboram nossa hipótese, demonstrando semelhanças nos usos de DD (na primeira atividade, efeito de contraste; na segunda, distanciamento justificado) e diferenças nos usos de DI (na primeira atividade, valorização da credibilidade; na segunda, problematização da confiança). Constata-se, portanto, o potencial explicativo desse fenômeno linguístico-discursivo quanto a sua relação com culturas digitais particulares, com contribuições para a formação acadêmica dos estudantes, no que se refere à gestão da palavra alheia em atividades acadêmicas não convencionais.

Palavras-chave: letramentos acadêmicos; desinformação; cultura digital; representação do discurso outro.

* Universidade Estadual Paulista (Unesp), câmpus de São José do Rio Preto. Doutor em Estudos Linguísticos. Pesquisador e professor substituto no Departamento de Estudos Linguísticos e Literários da Unesp. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1432-1118>.

** Universidade Estadual Paulista (Unesp), câmpus de São José do Rio Preto. Doutor em Filologia e Língua Portuguesa. Pós-doutorando na Unesp. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP, processo 2025/08677-7). Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6506-9285>.

Instabilities of Digital Culture in the Representation of the Other's Discourse: Academic Literacy Practices of Brazilian and French University Students

Abstract

Based on theoretical assumptions from literacy studies and French discourse analysis, this paper investigates the representation of the other's discourse (ROD) in academic literacy practices of Brazilian and French university students, in the context of institutional tasks involving the analysis of fake news. The study starts from the hypothesis that, in contexts of combating disinformation, ROD is structured according to instabilities characteristic of the digital cultures of these students. The *corpus* consists of written textual productions by university students ($n = 203$) collected at one university in Brazil and one in France. Data organization and analysis were conducted using MAXQDA software, with a focus on marked forms of direct discourse (DD) and indirect discourse (DI). Results support the hypothesis, showing similarities in DD usage (contrast effect in the first activity; justified distancing in the second) and differences in DI usage (credibility enhancement in the first activity; questioning trust in the second). This linguistic-discursive phenomenon thus reveals its explanatory potential in relation to specific digital cultures, offering contributions to students' academic development, particularly in the management of others' discourse within non-traditional academic activities.

Keywords: academic literacies; disinformation; digital culture; representation of other's discourse.

1 Introdução¹

Este artigo se insere nas investigações do discurso relatado em práticas de letramento acadêmico, compreendendo-o na perspectiva da representação do discurso outro (doravante, RDO), conforme proposto por Authier-Revuz (2020). Nos dados explorados, produzidos por estudantes brasileiros e franceses em uma atividade de análise de *fake news*, esse fenômeno se apresentou, pela sua relação entre práticas letradas e aspectos da cultura digital, como objeto pertinente. Com base em pressupostos teóricos dos estudos de letramentos e da análise do discurso francesa, o objetivo deste trabalho é investigar como a RDO pode ser reconhecida em práticas de letramento de universitários do Brasil e da França, quando da demanda institucional de análise de *fake news* em atividades acadêmicas². A hipótese explorada é a de que, em contexto de combate à desinformação, a presença da RDO se estrutura segundo instabilidades próprias à cultura digital desses estudantes.

Começamos, na seção dois, pela apresentação de uma abordagem discursiva das práticas de letramento em contextos formais de ensino marcados pela desinformação e pela cultura digital. Em seguida, na seção três, apresentamos o material, o *corpus* e a metodologia de pesquisa. Na seção quatro, sistematizamos os resultados obtidos para, na seção cinco, apresentar sua discussão. Terminamos com considerações finais sobre os resultados e sua discussão, retornando à hipótese inicial e sublinhando as contribuições do trabalho.

¹ O trabalho foi feito com o apoio do Programa CAPES-COFECUB (processo 88887.979747/2024-00), da FAPESP (processo 2022/05908-0), do CNPq/Universal (processo 409249/2023-8), do Laboratório CIREL (*Centre interuniversitaire de recherche en éducation de Lille*), equipe Théodile, da Université de Lille, França, e do Grupo de Pesquisa “Práticas de leitura em contexto digital”, da Universidade Estadual Paulista (Unesp), câmpus de São José do Rio Preto, aos quais os autores agradecem.

² Trata-se de uma continuidade de trabalho exploratório anterior (Alexandre *et al.*, 2025), a partir do qual uma hipótese foi então formulada para investigação de outro *corpus* (cf. Seção 2).

2 Abordagem discursiva de práticas de letramento acadêmico no cenário da desinformação e das instabilidades da cultura digital

A partir de uma perspectiva socioantropológica dos estudos de letramentos (Street, 1984; Lankshear; Knobel, 2011; Corrêa, 2011), este artigo assume que, em diferentes níveis de ensino, discursos acadêmico-científicos emergem em meio a conflitos. Esse cenário de conflitos enseja a discussão de práticas sociais letradas num contexto marcado, de um lado, pela presença ubíqua das tecnologias digitais e, de outro, pela crescente disseminação de desinformação e *fake news*. Como se sabe, esse cenário registra impactos em diferentes campos do conhecimento (Oliveira *et al.*, 2023). Gourlay, Hamilton e Lea (2014) destacam a indissociabilidade entre transformações sócio-históricas e desenvolvimento de tecnologias digitais no contexto de práticas letradas acadêmicas e digitais. A ascensão tecnológica que acompanha as diversas formas de cultura na sociedade fomentou, por sua vez, a suposição de que haveria “novos letramentos”. Segundo Bhatt (2017), a investigação desses novos letramentos contemplaria (novas) formas de construir e agir no mundo (digital) por meio da leitura e da escrita.

Assim, numa abordagem social dos letramentos digitais, Lankshear e Knobel (2007) argumentam que blogar, escrever *fanfics*, produzir mangás e memes, editar imagens, produzir AMV (*Anime Music Videos*), produzir *podcasts*, *vodcasts* e jogos são igualmente práticas de letramento, como aquelas do contexto analógico, a exemplo da escrita de cartas ou da leitura de livros. Essas “novas” práticas de leitura e escrita se relacionam com um novo *ethos*³, correspondente à ideia de uma comunidade participativa, colaborativa e distribuída na cultura digital. Essa ideia surge de um “rompimento do espaço” associado a mudanças significativas, no sentido de uma coexistência entre espaço conhecido e ciberespaço (Lankshear; Bigum, 1999). Percebe-se, nesses termos, um paradigma mais “distribuído” e “colaborativo”, sem apagamento da diferença entre sujeitos. Uma crítica tem sido feita a respeito de um caráter idealista desse paradigma (Komesu;

³ Conforme discute Alexandre (2024, p. 37), o conceito de *ethos* é emprestado da retórica aristotélica e reelaborado segundo a orientação praxeológica de Gee (2005). Refere-se à disposição que sujeitos têm em relação a práticas letradas digitais, segundo valores, crenças e atitudes quanto à cultura digital e a tecnologias. Assim, não se confunde com a apropriação que Maingueneau (2008) faz desse conceito no quadro da análise do discurso francesa.

Daunay; Fluckiger, 2021), no qual pouca atenção é dispensada a potenciais desigualdades sociais relacionadas às condições materiais de acesso técnico e conectivo dos sujeitos nessa dinâmica.

Numa compreensão da cultura digital como conjunto de práticas sócio-historicamente situadas, Buzato (2010) adverte para o fato de que, assim como “digital”, qualificadores como “popular” e “de massa” servem não apenas para delimitar territórios culturais, como também para descolonizar a noção de cultura. Essa noção teria sido herdada de um certo tipo de crítica literária como “busca da perfeição espiritual/intelectual por meio de um certo treinamento para a apreciação e discriminação daquilo que seria o ‘melhor’ [...] de uma época” (Buzato, 2010, p. 75). Destacam-se, portanto, dois pressupostos desse conceito: o de que o termo “digital” extrapola a dimensão meramente técnica, abrangendo ideias, valores, atitudes e práticas possibilitadas pelas tecnologias – semelhante à proposta de Lankshear e Knobel (2011) –, e o de que a cultura digital deve ser entendida como um processo de mediação, capaz de, simultaneamente, possibilitar e restringir certas práticas sociais. Essa abordagem da cultura digital se afasta de concepções deterministas, que atribuem ao digital a capacidade de refletir ou definir a ordem social. Neste trabalho, a avaliação de que culturas digitais poderiam ser flagradas nas formas de gestão da palavra alheia joga luz sobre conflitos de linguagem, cuja descrição conduz a uma percepção heterogênea das diferenças culturais. Em outras palavras, distancia-se de tentativas de homogeneização das práticas dos universitários em análise.

Desse modo, o presente trabalho se limita ao debate da ampliação dos usos de tecnologias digitais no Brasil e na França, países contemplados pela pesquisa. Outra maneira de abordar esse debate seria considerar os processos de engajamento de usuários em redes sociais digitais, como discutido em Alexandre *et al.* (2025). Segundo dados do relatório da agência *We Are Social* (2024), ao se considerar o índice de engajamento da população conectada, o Brasil apresenta 86,6% e a França, 93,8%, o que mostra uma inserção significativa desses países em ecossistemas digitais. Em relação às plataformas mais utilizadas, no Brasil, predominam o *WhatsApp* (93%), seguido pelo *Instagram* (91,2%) e *Facebook* (83%). Na França, observa-se a primazia do *Facebook* (72%), seguido do *WhatsApp* (63%) e *Instagram* (60%). Quanto ao uso das mídias sociais como fonte de informação, o Brasil ocupa a terceira posição no *ranking* global, com 52,7%

da população utilizando-as para consumo noticioso, percentual superior à média mundial (34,2%). Já a França situa-se na quadragésima posição, com 31%. Em tempos recentes, usos de inteligência artificial se tornaram, também, um dos termômetros da cultura digital. Em pesquisa Google/Ipsos (2025), realizada no final de 2024, 54% dos brasileiros relataram ter usado, nos últimos 12 meses, uma aplicação dessa tecnologia digital. Entre os franceses, o número foi de 35%. Tal discrepância sugere um campo profícuo para análises comparativas entre os dois países, em particular no que tange às práticas letradas acadêmicas e digitais no contexto da desinformação.

Os dados sobre usos de mídias sociais e inteligências artificiais estão, como se vê, atrelados a questões de desinformação. Em ambos os países, a problemática da desinformação tem sido objeto de debate público e acadêmico, sobretudo em períodos de crise, como na pandemia de covid-19. No caso francês, tem-se verificado um aumento na circulação de teorias conspiratórias, de movimentos anticiência e antivacinação, bem como de discursos céticos diante das mudanças climáticas. Esse cenário mostra a importância de práticas de letramento ancoradas em perspectivas críticas, voltadas à leitura e interpretação de informações em ambientes digitais (Siarova; Sternadel; Szőnyi, 2019). Também no Brasil, a disseminação de teorias conspiratórias tem sido observada, sobretudo, nas áreas da saúde pública e da política, frequentemente associada à retórica negacionista de autoridades governamentais (Ricard; Medeiros, 2020; Recuero *et al.*, 2021).

O uso disseminado de tecnologias digitais em contextos de desinformação tem mobilizado os estudos da linguagem. Nesse campo, no lugar de uma abordagem centrada em uma suposta “revolução tecnológica” em práticas de letramento digital, análises de caráter socioantropológico têm privilegiado a compreensão de processos sociais significativos, nos quais se observa a sobreposição de modelos de letramento acadêmico (Lea; Street, 2014). Nesse quadro, a apropriação de recursos linguísticos e tecnológicos pelos sujeitos em formação se associa a processos de aculturação a gêneros discursivos mediados por tecnologias digitais, exigindo problematizações acerca da produção de sentidos, da construção de identidade e das dinâmicas de poder e autoridade nos usos sociais de leitura e escrita. Trata-se de um processo de textualização discursiva que vai além do ato imediato da produção textual e que envolve a compreensão de sua constituição, particularmente no enfrentamento de fenômenos como desinformação e *fake news*.

Fundamentados nesses pressupostos dos estudos da linguagem, alguns trabalhos têm proposto, de fato, revisões em conceitos-chave, como o de desinformação. Alexandre (2024) propõe a superação de concepções restritivas de desinformação, entendidas apenas como “ausência de informação” ou informação deliberadamente falsa ou enganosa (caso das *fake news*). Baseando-se nos estudos de Wardle e Derakhshan (2017) e Tandoc Junior, Lim e Ling (2018), e retomando Assis, Komesu e Pollet (2021), o autor defende uma concepção ampla, que abrange informações verificáveis, estratégias de fabricação e manipulação de conteúdos, mecanismos de construção do verossímil e estratégias discursivas, como sátira e paródia. Para Alexandre (2024), a passagem entre informação e desinformação se configura como uma “ficção discursiva” – já que informar/desinformar fazem parte do mesmo processo interdiscursivo –, sendo a (des)informação concebida como fenômeno que compõe a desordem informacional e incide transversalmente sobre diferentes esferas da vida social. Nesse contexto, o foco de investigação recai sobre a atividade analítica dos sujeitos, que, diante de fluxos informacionais nas redes, precisam tomar decisões cotidianas a respeito do que (não) considerar confiável.

Mídias digitais, desinformação e estudos da linguagem são, portanto, polos de compreensão de práticas de letramentos acadêmico-científicos e de sua relação com as culturas digitais. Nesse conjunto, destacam-se as representações dos discursos do outro e sua análise. Conforme também discutido em Alexandre *et al.* (2025), a análise de discursos outros se insere no campo da heterogeneidade enunciativa (Authier-Revuz, 1990), por tensionar as fronteiras entre interior e exterior do discurso. Fundamentado no dialogismo proposto por Bakhtin, na linguística enunciativa de Benveniste e na psicanálise de Lacan, o conceito de representação do discurso outro (RDO) se constitui como marca da heterogeneidade inscrita no/do discurso. Para Authier-Revuz (1990; 2020), o discurso é radicalmente heterogêneo, articulando-se a si próprio, ao sujeito que o enuncia e ao exterior que o constitui. A linguista propõe compreender a interlocução entre texto e contexto por meio de dois planos – heterogeneidade constitutiva e representada –, implicados no processo enunciativo. É por essa razão que o vínculo entre o que está “de fora” do dizer e o que a ele é constitutivo é resultante desses dois planos, numa dinâmica de negociação do sujeito da linguagem com a “ameaça” da heterogeneidade que lhe escapa. Para

Authier-Revuz (2020), “interior” e “exterior” constituem dimensões de uma mesma realidade discursiva e, dessa forma, duas condições inviabilizariam a univocidade linguística: a reflexividade e a alteridade discursiva. Definida pela linguista como ato enunciativo que toma outro ato como referência, a RDO viabiliza análise dos modos pelos quais um discurso delimita seu exterior para construir uma imagem de si.

Assume-se, com Authier-Revuz (2020), que, apesar das relevantes contribuições no campo dos funcionamentos discursivos e textuais do discurso citado quanto a, por exemplo, criatividade estilísticas, efeitos de sentido, regularidades genéricas e usos comunicativos, pouco se fez quanto ao questionamento dos fundamentos estruturais que sustentam esses fenômenos no plano do discurso. A linguista aponta que essa “falta” é decorrente da persistência da chamada “vulgata” dos três padrões morfológicos: discurso direto, discurso indireto e discurso indireto livre. Esses padrões estariam associados, respectivamente, à textualidade, à transposição ou à reformulação, bem como à combinação literária de ambos. Trata-se, pois, de esquemas que parecem funcionar menos como instrumentos analíticos e mais como expressão de referência à tradição disciplinar. Assim, ao se compreender o fenômeno da representação do discurso outro como pertencente a uma “zona de fórmulas”, para além da tríade do discurso relatado, evita-se restringi-lo a sua referência temporal (e empírica) anterior, considerando, assim, a possibilidade de representar discursos futuros e fictícios.

No contexto das práticas letradas acadêmicas mediadas por tecnologias digitais de informação e de comunicação (TDIC), foco desta investigação, as respostas produzidas por estudantes universitários brasileiros e franceses a uma demanda institucional voltada à reflexão sobre desinformação se configuram como espaços privilegiados para observação da representação do discurso outro – sobretudo quanto a instabilidades próprias à cultura digital desses estudantes no par pergunta-resposta⁴. A seção seguinte apresenta o *corpus* e os procedimentos metodológicos adotados na realização deste estudo.

⁴ Quanto à indissociabilidade do par pergunta-reposta, segue-se o estabelecido em Alexandre *et al.* (2025), uma vez que a resposta formulada não se dissocia da instrução que a precede, mantendo-se vinculada à orientação comunicativa do enunciado de comando.

3 Entre a sátira de um artigo e a certeza de uma resposta: material e metodologia

3.1 Constituição do corpus da pesquisa

O *corpus* perfaz o total de 203 produções textuais escritas, realizadas por universitários inscritos em cursos de licenciatura e bacharelado de uma universidade brasileira e de outra francesa, no âmbito de colaborações de pesquisa internacionais⁵. Essas produções foram coletadas em 2024, tanto no Brasil quanto na França, em disciplinas regulares que tratavam de práticas de leitura e produção de textos no contexto da universidade, considerando-se o interesse institucional da promoção de educação científica no enfrentamento da desinformação. O perfil dos participantes brasileiros é o de licenciandos em Física e em Letras e de bacharelados em Letras; o dos participantes franceses é o de licenciandos em Ciências da Educação. Os procedimentos de coleta, de análise e de divulgação dos dados seguem os protocolos aprovados pelo Comitê de Ética em Pesquisa/ CEP (CAAE processo n. 67001923.9.1001.8142).

Os textos escritos foram coletados nos dois países a partir da aplicação de quatro atividades voltadas à análise de desinformação. Essas atividades incluíram, dentre outras tarefas, a leitura e o comentário de diferentes gêneros discursivos, desde postagens em redes sociais até resumos de artigos científicos. Enquanto, em trabalho anterior (Alexandre *et al.*, 2025), consideraram-se duas atividades do conjunto, voltadas para os gêneros entrevista e postagem em rede social, neste artigo serão abordadas atividades em que os estudantes foram instados a comentar um resumo acadêmico e uma interação com *chatbot*. A Tabela 1 especifica a quantidade de produções textuais coletadas nas duas atividades a serem analisadas:

⁵ Trata-se dos projetos de pesquisa “Aprendizes universitários em práticas contemporâneas de letramento acadêmico-científico para a formação de professores e pesquisadores globalizados”, coordenado pela Prof.ª Dr.ª Inês Signorini (Unicamp), com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP, processo 2022/05908-0) e “Letramentos e tecnologias na educação científica e no enfrentamento da desinformação”, coordenado, na parte brasileira, pela Prof.ª Dr.ª Fabiana Komesu (Unesp) e, na parte francesa, pelo Prof. Dr. Cédric Fluckiger (Université de Lille), com financiamento do programa franco-brasileiro CAPES-COFECUB (processo 88887.979747/2024-00). Os autores deste artigo compõem as equipes desses dois projetos de pesquisa.

Tabela 1 – Organização do corpus do material brasileiro e francês

Atividade/objeto da atividade	Conjunto BR	Conjunto FR
A01-Artigo/resumo de artigo científico	47	52
A03-Chat/resposta de um chatbot	40	52
Total parcial	87	104
Total de produções textuais escritas: 203		
Total de caracteres com espaço: 71.173		

Fonte: Elaboração própria.

O Quadro 1, por sua vez, apresenta os enunciados da consigna, em português brasileiro e em francês europeu, referentes a cada atividade em estudo:

Quadro 1 – Enunciados da consigna em português brasileiro e em francês europeu

Contexto da atividade	Enunciado em português brasileiro	Enunciado em francês europeu
A01-Artigo Objeto: resumo de artigo científico em inglês satírico sobre covid-19.	O que faz você ter mais ou menos confiança nesta informação?	<i>Qu'est ce qui fait que vous avez plutôt confiance ou plutôt pas confiance dans cette information ?</i>
A03-Chat Objeto: resposta de <i>chatbot</i> de inteligência artificial generativa a partir da pergunta “o aquecimento global se deu pela atividade humana?”	No excerto a seguir, um usuário de internet perguntou ao ChatGPT se o aquecimento global tem origem a partir de atividades humanas. Se você tivesse um trabalho universitário a fazer sobre o assunto, você confiaria nessas informações? Por quê?	<i>Dans l'exemple suivant, un utilisateur demande à ChatGPT si le réchauffement climatique est d'origine humaine. Si vous aviez un travail universitaire à faire sur le sujet, vous appuieriez vous sur ces informations? Pourquoi ?</i>

Fonte: Elaboração própria.

Algumas notas prévias sobre a aplicação das consignas são necessárias. No Brasil, ofereceram-se traduções tanto do resumo de artigo (original em inglês) quanto da resposta do *chatbot* (original em francês), ao passo que, na França, não houve tradução do resumo. Essa diferença, considerada uma limitação em termos de simetria metodológica, será levada em conta na análise. Os enunciados das atividades A01-Artigo e A03-Chat demandavam dos universitários, respectivamente: (i) o reconhecimento de aspectos do objeto da atividade relacionados a índices de confiabilidade; e (ii) a explicação sobre a utilização ou não de respostas de um *chatbot* em trabalhos acadêmicos. Esperava-se que as respostas contemplassem: (i) justificativas de confiança ou não nas informações apresentadas; e (ii)

explicações fundamentadas no texto do *chatbot* quanto ao uso dessas informações no contexto do ensino superior. Na sequência, apresentam-se os procedimentos metodológicos adotados para a análise dos dados.

Procedimentos metodológicos

Esta pesquisa segue procedimentos metodológicos estabelecidos em trabalho anterior (Alexandre *et al.*, 2025). Com o propósito de descrever e interpretar aspectos linguísticos e discursivos que mostrem a atividade reflexiva dos sujeitos universitários na linguagem, adota-se, nos termos de Authier-Revuz (2020), o reconhecimento de cinco modos enunciativos. Esses modos enunciativos são definidos a partir de traços diferenciais nos níveis semântico, semiótico e enunciativo: discurso direto (DD), discurso indireto (DI), discurso bivocal (Biv), modalização autonímica de empréstimo (MAE) e modalização em asserção segunda (MAS).

A análise considerou tanto as formas marcadas quanto as não marcadas dos modos enunciativos. Contudo, optou-se, neste artigo, por apresentar unicamente as formas marcadas de RDO dos discursos direto e indireto (DD e DI, daqui em diante), ou seja, aquelas identificáveis pela estrutura superficial das línguas observadas neste estudo (português brasileiro e francês europeu). A escolha metodológica por abordar somente formas marcadas se justifica por (i) considerarmos a descrição linguístico-discursiva desse conjunto de dados; (ii) investigarmos efeitos de sentido explícitos quanto à problemática da desinformação; e (iii) constatarmos relativa produtividade dessas formas no *corpus*.

Como já dito, os modos enunciativos se estruturam a partir de níveis diferenciais, que se apresentam conforme segue: (i) no domínio semântico, o discurso alheio se representa como objeto do dizer (DD, DI) ou como fonte do dizer (MAE, MAS); (ii) no domínio semiótico, o discurso alheio se manifesta mediante o uso ordinário da linguagem (DI, MAS) ou por meio da autonimização (DD, MAE); (iii) no domínio enunciativo, a ancoragem enunciativa dos dois atos de fala – aquele do discurso representado e o do discurso representante – ora é unificada (DI, MAS, MAE), ora dissociada (DD).

Segundo Authier-Revuz (2020, p. 374), a combinação diferencial dos traços semântico (A: falar de/falar segundo), semiótico (B: projetar/não projetar os significantes na cadeia sintática) e enunciativo (C: integrar/disjuntar/compartilhar a ancoragem enunciativa) constitui a base para a identificação dos modos enquanto “fórmula abstrata geral” e “zona de formas” em que essa fórmula pode se realizar. Considerando tais oposições e tomando como referência a ancoragem enunciativa, as fórmulas abstratas correspondem a: DI $[A_1B_1C_1]$, MAS $[A_2B_1C_1]$, MAE $[A_2B_2C_1]$, DD $[A_1B_2C_2]$ e Biv $[A_1B_2C_3]$. Para a identificação das formas de DD e de DI, fundamentamos na proposta metodológica de Authier-Revuz (2020, p. 345), no reconhecimento de (i) fórmula geral dos modos; (ii) espaços de formas nos quais essa fórmula se realiza; e (iii) efeitos de sentido apreendidos.

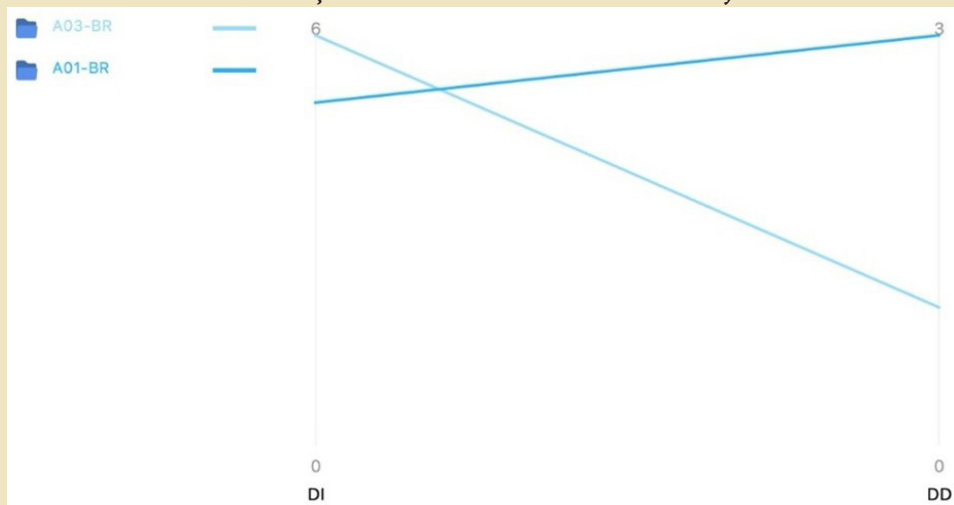
Propõe-se, portanto, oferecer interpretações discursivas a respeito da tendência geral – de forma longitudinal – observada entre universitários quando da RDO em seus enunciados. A comparação desses textos escritos entre estudantes brasileiros e franceses busca discutir a hipótese inicial, a saber, a de que a presença da RDO nessas práticas, no contexto de combate à desinformação, é estruturada segundo instabilidades próprias à cultura digital de estudantes de diferentes países. Semelhante ao que se realizou em trabalho anterior (Alexandre *et al.*, 2025), a análise busca identificar tendências transversais da RDO no material, sem individualizar as ocorrências por respondente. A organização dessas categorias foi realizada com o *software* MAXQDA (versão 24.6.0 – VERBI Software, 2024), utilizado para a análise qualitativa e de dados mistos.

4 Resultados

Nesta seção, apresentamos gráficos criados no MAXQDA para observar a distribuição geral e particular de DD e de DI no *corpus* analisado, com comparação dos dois conjuntos de texto na sequência. Como em Alexandre *et al.* (2025), os enunciados de resposta não são extensos (cf. total de caracteres com espaços na Tabela 1) e foram coletados por meio de formulário (Formulários Google, no caso do Brasil; Plataforma LimeSurvey, no caso da França). A coleta de respostas via questionários pode ser entendida

como “não convencional” no contexto acadêmico, pois nenhuma instrução de como escrevê-las, em que gênero estas deveriam aparecer ou qual limite de palavras deveriam considerar foi dada aos estudantes. O Gráfico 1 apresenta a distribuição dos modos DD e DI no conjunto brasileiro:

Gráfico 1 – Distribuição dos modos DD e DI no conjunto brasileiro

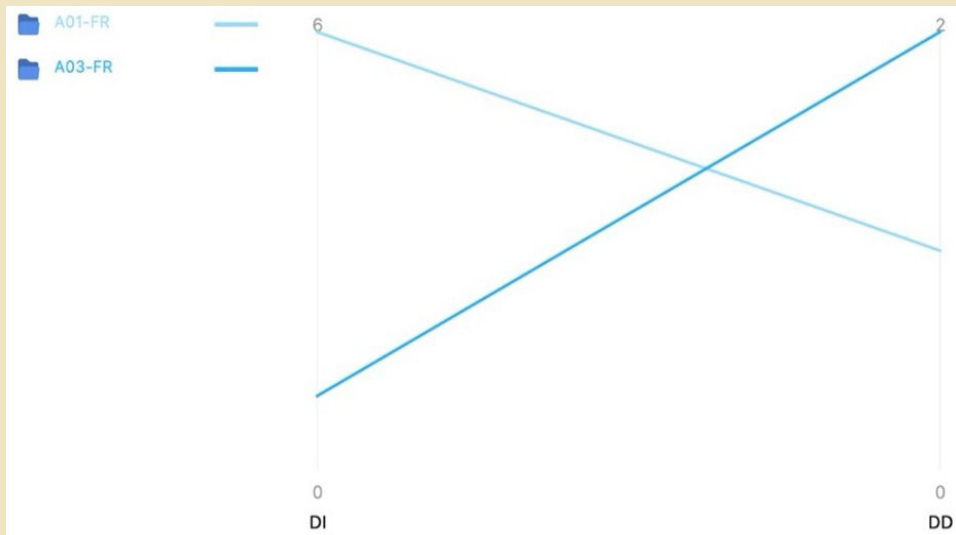


Fonte: Elaboração própria com uso do MAXQDA.

Como é possível observar, o conjunto brasileiro apresenta, na A01-Artigo ($n = 47$), codificada, no gráfico, como A01-BR, ocorrência de 03 DD e de 05 DI (aproximadamente 17% de apropriação do discurso outro). Na A03-Chat ($n = 40$), codificada como A03-BR, por sua vez, há ocorrência de um único DD, mas 06 DI (com semelhança de apropriação de 17%). Assim, o total das formas diretas e indiretas de transmissão do discurso outro é de 15 ocorrências, com taxa aproximada de 17,2%.

Na sequência, o Gráfico 2 apresenta a distribuição dos modos DD e DI no conjunto francês:

Gráfico 2 – Distribuição dos modos DD e DI no conjunto francês

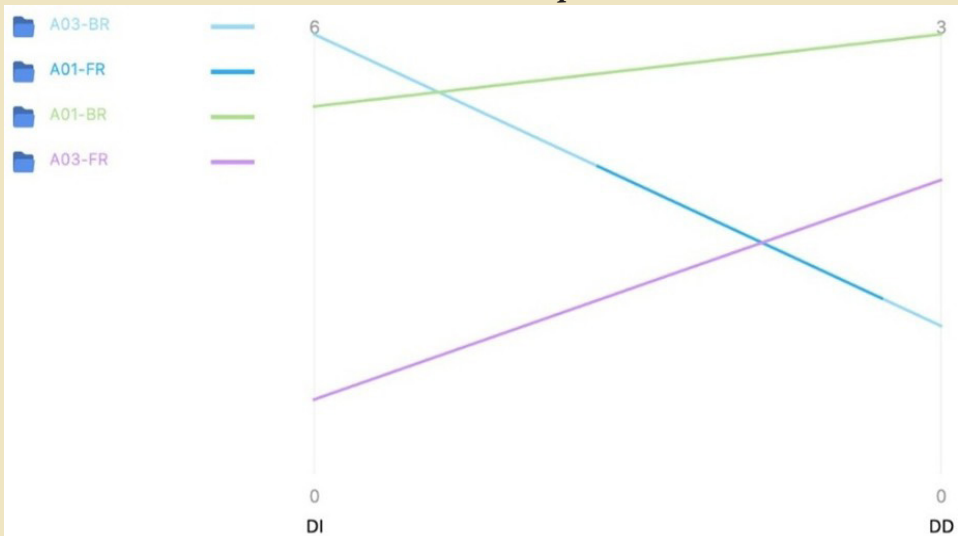


Fonte: Elaboração própria com uso do MAXQDA.

Observa-se, nesse caso, uma diferença em relação ao que acontece no conjunto brasileiro, com taxas gerais menores de apropriação das formas de RDO do DD e do DI. Enquanto na A01-Artigo do conjunto francês ($n = 52$), cuja codificação é A01-FR, há ocorrência de um único DD e de 06 DI (com taxa aproximada de 13%) – portanto, semelhantemente ao que acontece no conjunto brasileiro –, na A03-Chat ($n = 52$), há 02 ocorrências de DD, com ocorrência única de DI (taxa aproximada de 5% de apropriação). Desse modo, embora se observe, no conjunto brasileiro, certa proporcionalidade na taxa de apropriação do discurso outro via discursos direto e indireto, há, no conjunto francês, uma desproporção nesse uso quanto à A03-Chat, com ocorrências pontuais desses modos de RDO.

O Gráfico 3 explora essa comparação dos modos de DD e de DI no *corpus*.

Gráfico 3 – Comparação entre distribuição dos modos DD e DI no corpus



Fonte: Elaboração própria com uso do MAXQDA.

De forma panorâmica, o total de ocorrências apresentado pelas atividades no conjunto brasileiro é de 15 ($n = 87$), sendo 04 ocorrências de DD e 11 de DI. Já o conjunto francês apresenta o total de 10 ocorrências ($n = 104$), sendo 03 ocorrências de DD e 07 de DI. A taxa de apropriação do discurso outro pelas formas diretas e indiretas do discurso, de modo marcado nos textos dos brasileiros e dos franceses, é de respectiva e aproximadamente 17% e de 9%. O conjunto brasileiro apresenta, portanto, uma taxa de apropriação quase duas vezes maior que a do conjunto francês. Por último, embora se observem ocorrências pontuais de DD e de DI na A03-Chat do conjunto francês, a comparação entre os dois conjuntos de texto mostra uma preferência geral pelo DI. Buscamos explorar essas configurações na discussão dos resultados a seguir.

5 Discussão

Os resultados obtidos apontam para duas funções argumentativas predominantes relacionadas aos modos de DD e de DI, numa distribuição não excludente de aparecimento. Essas funções argumentativas foram apreendidas no par pergunta-resposta e, por essa razão, serão definidas em razão do aparecimento das formas de DD e de DI em cada uma das atividades (A01-Artigo e A03-Chat), mostrando a força da relação interlocutiva no funcionamento discursivo desses modos de RDO.

No modo do discurso direto (DD = $A_1B_2C_2$), Authier-Revuz (2020) considera sua estruturação diferencial, no plano semântico, fazendo referência ao objeto do dizer (A_1), cujo estatuto semiótico é sempre autonímico (B_2), com ancoragens distintas no ato enunciativo principal (C_2). No caso da primeira atividade (A01-Artigo), na qual os universitários deveriam responder se confiariam ou não na informação que lhes foi apresentada, os usos de DD sugerem um efeito de contraste entre o que era esperado pelos respondentes e o que, de fato, foi encontrado por eles no objeto de análise da atividade (resumo de artigo científico). Seja na ocorrência representativa em (1), no caso brasileiro, seja na única ocorrência em (2), no caso francês, o funcionamento de DD na A01 emerge como a identificação de uma “estranheza” do texto alheio, a partir da qual o efeito de contraste parece operar:

(1) A utilização de abreviações nos nomes, como “WO”, “DL” e “VR”, os erros de concordância verbal e nominal, como em “O autor VR precisava de pontos SIGAPS, fez o mínimo. Encontrei uma bela imagem para a figura 3.”, a oração “O autor NM disse ‘au, au’ quando os autores começaram a duvidar”, **pois ninguém diz “au, au”**, o fato de que um dos autores levou um patinete e a maneira como são usados os pronomes pessoais. (UP-024-PLPTII-A01-P22)⁶.

(2) Ce qui m'intrigue c'est **les noms tels que «nemo macron», «trottinetta», «lembrouille», «université du melon», et d'autres mots et noms qui me semblent être inventés.** (UL-024 CEF-A01-P13).

⁶ A codificação diz respeito a: instituição de ensino superior (UP, para a universidade brasileira; UL, para a universidade francesa); ano da coleta (024) e disciplina em que foi aplicada (como Prática de leitura e produção de textos II, PLPTII), seguidos de número da atividade (A01 ou A03) e número atribuído aleatoriamente ao participante da pesquisa. A escolha do destaque em negrito indica zona de forma representada marcada de RDO. Nesse caso, de DD ou de DI.

A única ocorrência de DD no conjunto francês se contrapõe às ocorrências do conjunto brasileiro. Na ocorrência registrada entre os estudantes franceses, por um lado, percebe-se um efeito de contraste observacional, isto é, as autonimizadas aparecem como forma de comprovação do que é julgado como inventado (“les noms tels que ‘nemo macron’, ‘trottineta’, ‘l’embrouille’, ‘université du melon’⁷). No conjunto brasileiro, por sua vez, o efeito de contraste ocorre em relação ao conteúdo proposicional mobilizado pela transmissão direta, registrando-se, com efeito, um gesto avaliativo. Essa avaliação recai, por exemplo, na desconfiança do escrevente quanto à possibilidade de alguém ladrar durante a produção de um artigo científico (“pois ninguém diz ‘au, au’”), manifestação avaliada como incompatível com as práticas letradas de produção de um artigo científico. Essa desconfiança, manifesta como avaliação, leva, portanto, o escrevente a autonimizar a palavra alheia.

No modo do discurso indireto ($DI = A_1B_1C_1$), Authier-Revuz (2020) estabelece que o discurso se estrutura, semanticamente, pela referência ao objeto do dizer (A_1), cujo estatuto semiótico é ordinário (portanto, em “uso”, B_1), com uma ancoragem unificada no ato enunciativo principal (C_1). Esse modo de RDO oferece certa representação em que sentido e referência são acessíveis à experiência partilhada da enunciação principal. Por essa razão, é o modo por excelência das operações de (re) formulação (paráfrase do discurso outro) e de categorização (do verbo de dizer, mas não somente, que introduz o ato enunciativo outro). Na primeira atividade, as ocorrências de DI, nos dois conjuntos de texto, fundamentam-se em um efeito de valorização da credibilidade do resumo de artigo científico. Essa semelhança não impede, porém, usos particulares entre brasileiros e franceses. No conjunto brasileiro, o efeito de credibilidade recai no conteúdo proposicional do discurso do outro. No conjunto francês, adota-se um tom generalista:

(3) Além disso, por conter as marcas de opinião, **o autor** (que por algum motivo achou de bom tom colocar no texto) **menção colegas de trabalho que não colaboraram na execução do artigo**, que pode ser interpretado como algo extremamente antiprofissional e antiético de ambas as partes: dos pesquisadores que não colaboraram suficientemente, e do autor que deixou esses comentários. (UP-024-PLPTII-A01-P21).

⁷ Do original: “os nomes tais como ‘nemo macron’, ‘patinete’, ‘mal-entendido’, ‘universidade do melão’”.

(4) De plus, quand on lit le paragraphe sur les contributions des auteurs, **on constate que certains auteurs ont chacun de leur côté lancé le sujet, une idée sur les réseaux sociaux et ont par la suite rédigé l'article.** (UL-024-CEF-A01-P18).

Em (3), observa-se que o efeito de valorização da credibilidade via recuperação do conteúdo proposicional do discurso outro (“o autor menciona colegas de trabalho que não colaboraram na execução do artigo”) passa por uma avaliação específica (“que pode ser interpretado como algo extremamente antiprofissional e antiético”). Em (4), o recurso à constatação registrado no DI (“on constate que certains auteurs on chacun de leur côté lancé le sujet, une idée sur les réseaux sociaux et on par la suite rédigé l'article”⁸) não apresenta avaliação específica, ainda que incida no conteúdo.

A segunda atividade investigada neste artigo (A03-Chat) apresenta novos elementos para discussão. Nela, os estudantes deveriam dizer se utilizariam ou não a resposta gerada pelo *chatbot* ChatGPT em um trabalho universitário sobre a interferência humana no aquecimento global. De forma semelhante, os usos de DD mostram, no *corpus*, um efeito de distanciamento justificado. Nesses usos, as atestações pelo recurso à palavra alheia ora são apresentadas com o intuito de sugerir vagueza ou falta de rigor, como em (5), do conjunto brasileiro; ora são apresentadas como indício de uma simplificação excessiva das informações geradas pelo *chatbot*, como em (6), do conjunto francês.

(5) Não, pois não são citadas fontes externas para que os fatos possam ser checados, **são feitas afirmações generalistas sem construção de base argumentativa prévia como “milhares de cientistas em todo o mundo...”, “que levam em conta diversos fatores”, etc.** (UP-024-PRLP-A03-P07).

(6) Pour être précis, **il faudrait expliquer comment la déforestation contribue à réchauffer la planète et pas juste dire «les humains enlèvent les arbres, ce qui augmente les gaz à effet de serre donc ça réchauffe le climat».** (UL-024-CEF-A03-P05).

No caso brasileiro, observam-se autonimizações por meio da explicação da generalidade da palavra alheia (por exemplo, em “milhares de cientistas em todo o mundo”). Já no caso francês, a transmissão direta serve para sinalizar uma concordância com a palavra alheia quanto à ação humana no aquecimento global (“les humains enlèvent les arbres, ce qui augment

⁸ Do original: “constata-se que certos autores, cada um de seu lado, lançaram o assunto, uma ideia nas redes sociais e em seguida redigiram o artigo”.

les gaz à effet de serre donc ça réchauffe le climat”⁹). Essa concordância é, contudo, matizada pela sugestão da necessidade de precisar as informações apresentadas, condição para que sejam usadas em um trabalho acadêmico.

Os casos de DI da segunda atividade analisada (A03-Chat) marcam uma diferença entre os conjuntos de texto do *corpus*. Nas respostas dos brasileiros, os usos do DI apontam, ao problematizar a confiabilidade das informações, a falta de fontes verificáveis na resposta do *chatbot*. Os usos encontrados no conjunto francês se restringem a uma validação factual, como se pode observar em (7) e em (8):

(7) **Em nenhum momento o ChatGPT fala de qual fonte está tirando as informações que fornece ao usuário**, o que é um sinal de que é preciso verificar se realmente o que foi dito é verdade. (UP-024-PRLP-A03-P10).

(8) **oui car ce que décrit chat gpt n'est pas fait, par exemple concernant le gaz é effet de serre, c'est ce qu'il se passe vraiment en France e dans le monde.** (UL-024-CEF-A03-P11).

Observa-se, desse modo, na estrutura negativa de transmissibilidade indireta do discurso em (7), que o fato de o *chatbot* não explicitar fontes (“Em nenhum momento o ChatGPT fala...”) constitui uma crítica à confiabilidade das informações oferecidas por ele. Dessa forma, essa estrutura não coloca em questão, diretamente, o conteúdo proposicional do discurso outro e, do ponto de vista argumentativo, sublinha os limites do uso de *chatbots* para a produção de trabalhos acadêmicos. Em (8), ocorre, porém, o contrário: especifica-se o conteúdo proposicional do discurso alheio como meio de confirmação da resposta fornecida pelo *chatbot*. Nesse caso, a mobilização da palavra alheia concorre para a aceitabilidade da ferramenta na produção de trabalhos acadêmicos.

De modo geral, na atividade 01, no *corpus*, o recurso ao DI sinaliza a valorização da credibilidade do resumo de artigo científico. De natureza claramente satírica, a leitura do resumo marca uma diferença entre as respostas dos escreventes brasileiros e franceses. No caso dos primeiros, têm-se respostas mais específicas. No dos segundos, menos específicas. Essa diferença de adesão pode ser explicada pela pouca familiaridade dos estudantes franceses com leitura de textos em inglês (“eu não tenho confiança pois eu vejo diversos autores, está em inglês então eu não entendo”¹⁰). Como

9 Do original: “Os seres humanos cortam as árvores, o que aumenta os gases do efeito estufa e, então, aquece o clima”.

10 Do original: “je n'ai pas confiance car je vois de nombreux auteurs, c'est en anglais donc je ne comprends pas” (UL-024-CEF-A01-P04).

já dito anteriormente, não lhes foi oferecida uma tradução do resumo do artigo científico, como na atividade aplicada entre estudantes brasileiros.

As dificuldades com a língua inglesa não explicam sozinhas a falta de especificidade nas respostas dos estudantes franceses. É plausível supor que eles tenham uma relação distinta daquela dos brasileiros com a desinformação, pois suas culturas digitais se organizaram de modo diferenciado em função das configurações sociopolíticas de cada país. Nos últimos anos, particularmente em períodos eleitorais e de crise sanitária, o Brasil experimentou crescimento relevante do problema da desinformação, tornando-o tema recorrente na imprensa, na universidade e em conversas cotidianas, seja como objeto de crítica, seja como objeto de sátira. Embora a França também experimente efeitos da desinformação, operamos sob a hipótese de que, no Brasil, tais efeitos foram mais intensos e arraigados nas práticas sociais, incluindo as de letramento acadêmico-científico. Assim, o jogo entre especificidade e inespecificidade em relação ao discurso do outro, observado nas respostas desses estudantes, pode ser explicado pela dinâmica de práticas sociais e pelas configurações sociopolíticas particulares de cada país.

Na atividade 02, observa-se novamente uma distribuição significativa das ocorrências de RDO. Entre os franceses, duas ocorrências de DD acompanhadas de uma ocorrência única de DI. Entre os brasileiros, uma ocorrência de DD acompanhada de seis de DI. Na única ocorrência de DI do conjunto francês, nota-se uma postura pouco crítica em relação ao texto gerado pelo ChatGPT, sublinhada pelo endosso das informações fornecidas por eles, o que enseja duas interpretações: (i) o escrevente supõe que não haveria conteúdo desinformativo na resposta, sendo sua única limitação a falta de especificidade e de fontes; e (ii) a constituição das práticas culturais dos estudantes franceses podem não incluir atenção clara e articulada sobre os efeitos sociais do uso de IAGen nas práticas de escrita universitária. Pesquisas recentes indicam que o uso dessas ferramentas ainda é limitado entre os franceses, sobretudo em comparação aos brasileiros (Ipsos, 2025), o que reforça a associação entre baixa adesão e percepção reduzida de seu impacto em práticas sociais, incluindo as letradas acadêmico-científicas.

Esses resultados convergem para atestar a hipótese de pesquisa deste artigo. Os usos de DD e de DI, no *corpus* investigado, mostram que a presença de formas de RDO se estrutura nos termos de instabilidades

próprias às culturas digitais particulares – neste caso, de estudantes brasileiros e franceses. Essa remissão às instabilidades próprias à cultura digital dos estudantes é mais visível no contexto de combate à desinformação, quando estes são instados a se confrontar com impactos dessas instabilidades em (suas) práticas de letramento acadêmico.

Considerações finais: instabilidades da cultura digital pela representação do discurso outro

Neste artigo, investigou-se como formas de RDO, particularmente DD e DI, podem ser reconhecidas e interpretadas em práticas de letramento acadêmico de universitários do Brasil e da França, observadas em atividades de escrita e leitura acadêmica que pressupunham debate sobre desinformação. Os resultados mostram que, embora essas formas não tenham sido explicitamente solicitadas nas atividades, desempenharam papel relevante na produção de sentidos e na constituição das práticas de letramento acadêmico-científico, permitindo explorar a hipótese de que o trabalho com a palavra alheia é estruturado por instabilidades próprias à cultura digital dos estudantes de ambos os países. Em contexto de combate à desinformação, essas instabilidades se tornam ainda mais pertinentes para o estudo das formas de RDO, variando conforme os arranjos das culturas digitais. No Brasil, o impacto sociopolítico da desinformação e o uso arraigado de IAGen sugerem maior sensibilidade na avaliação da confiabilidade da palavra alheia. Na França, a menor percepção da desinformação como um problema social e a menor adesão às inteligências artificiais generativas refletem maior hesitação nesse mesmo processo.

Esses resultados oferecem, além da descrição e análise dos efeitos de sentido das formas de RDO, contribuições relevantes para a formação acadêmica de universitários. Destacam-se, sobretudo, as possibilidades abertas pelo tratamento explícito dessas formas, mesmo quando não figuram como objeto de ensino, e as vantagens de abordar os efeitos estruturantes das culturas digitais na materialização de certos usos linguístico-discursivos. Como apontam Alexandre *et al.* (2025), formas linguístico-discursivas como as de RDO não emergem espontaneamente no campo acadêmico.

Ao contrário, elas devem ser explicitamente destacadas, considerando-se também variados modos de estruturação extraverbal, como a constituição da cultura digital dos participantes do estudo.

Referências

ALEXANDRE, Gabriel Guimarães. *Desinformação sobre covid-19: concepções de texto em práticas letradas de agência de fact-checking da Argentina, do Brasil e dos Estados Unidos*. 2024. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2024. Disponível em: <https://hdl.handle.net/11449/255141>. Acesso em: 22 out. 2025.

ALEXANDRE, Gabriel Guimarães; KOMESU, Fabiana; FLUCKIGER, Cédric; ASSIS, Juliana Alves. Representação do discurso outro em práticas de letramento acadêmico de universitários brasileiros e franceses no enfrentamento da desinformação. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 29, n. 66, p. 350-379, 2025. DOI: 105752/P.2358-3428-2025v29n66p350-379. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/scripta/article/view/36247>. Acesso em: 20 mar. 2026.

ASSIS, Juliana Alves; KOMESU, Fabiana; POLLET, Marie-Christine. A formação do leitor no contexto da desinformação e das *fake news*: desafios para os estudos de letramentos na pandemia da covid-19 e além. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 25, n. 54, p. 9-38, 2021. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/27640>. Acesso em: 22 out. 2025.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. *La représentation du discours autre*. De Gruyter: Berlin: De Gruyter/Boston, 2020.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 19, p. 25-42, 1990. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636824>. Acesso em: 22 out. 2025.

BHATT, Ibrar. *Assignments as Controversies: Digital Literacy and Writing in Classroom Practice*. New York: Routledge, 2017. DOI: <https://doi.org/10.4324/9781315644509>. Acesso em: 22 out. 2025.

BUZATO, Marcelo El Khouri. Cultura digital, Educação e Letramento: conflitos, desafios, perspectivas. In: HÖFLING, Camila (org.). *Jornada de Letras*. São Carlos: Editora da UFSCar, 2010. p. 69-88.

CORRÊA, Manoel Luiz Gonçalves. As perspectivas etnográfica e discursiva no ensino de escrita: o exemplo de textos pré-universitários. *Revista da ABRALIN*, v. 10, n. 4, p. 333-356, 2011. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1115>. Acesso em: 22 out. 2025.

GEE, James Paul. *An Introduction to Discourse Analysis: Theory and Method*. London: Routledge, 2005.

GOURLAY, Lesley; HAMILTON, Mary; LEA, Mary Rosalind. Textual Practices in the New Media Digital Landscape: Messing with Digital Literacies. *Research in Learning Technology*, v. 21, n. 4, 2014.

IPSOS. *Google/Ipsos Multi-Country AI Survey 2025*. Washington: Ipsos, 14 jan. 2025. Disponível em: <https://www.ipsos.com/en-us/google-ipsos-multi-country-ai-survey-2025>. Acesso em: 22 out. 2025.

KOMESU, Fabiana; DAUNAY, Bertrand; FLUCKIGER, Cédric. Littéracies numériques et désinformation: le rôle de l'enseignant dans le contexte d'infodémie. In: SCHEEPERS, Caroline (org.). *Former à l'écrit, former par l'écrit dans le supérieur*. Paris: DeBoeck, 2021. p. 255-267.

LANKSHEAR, Colin; BIGUM, Chris. Literacies and New Technologies in School Settings. *Curriculum Studies*, v. 7, n. 3, p. 445-465, 1999.

LANKSHEAR, Colin; KNOBEL, Michele. Sampling the “New” in New Literacies. In: KNOBEL, Michele. *A New Literacies Sampler*. New York: Peter Lang Publishing, 2007. p. 1-24.

LANKSHEAR, Colin; KNOBEL, Michele. *New Literacies: Everyday Practices and Social Learning*. 3rd ed. London: Open University Press, 2011.

LEA, Mary Rosalind; STREET, Brian. O modelo de “letramentos acadêmicos”: teoria e aplicações. Tradução de Fabiana Komesu e Adriana Fischer. *Filologia e Linguística Portuguesa*, v. 16, n. 2, p. 477-493, 2014. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v16i2p477-493>. Acesso em: 22 out. 2025.

MAINGUENEAU, Dominique. *Gênese dos discursos*. Tradução de Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

OLIVEIRA, Augusto Vinicius de; ALEXANDRE, Gabriel Guimarães; KOMESU, Fabiana; ASSIS, Juliana Alves; FLUCKIGER, Cédric. Discursive Authority in COVID-19 Vaccination Fact-checking: the Case of @butantanoficial on Instagram. *Revista do GEL*, [s. l.], v. 20, n. 3, p. 213-236, 2024. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/rg/article/view/3584>. Acesso em: 24 out. 2025.

RECUERO, Raquel; SOARES, Felipe Bonow; VINHAS, Otávio; VOLCAN, Taiane; ZAGO, Gabriela; STUMPF, Elisa Marchioro; VIEGAS, Paula; HÜTTNER, Luiz Ricardo; BONOTO, Carolina; SILVA, Gabriela; PASSOS, Iara; SALGUEIRO, Igor; SODRÉ, Giéle. *Desinformação, mídia social e COVID-19 no Brasil: relatório, resultados e estratégias de combate*. Pelotas: MIDIARS, 2021. *E-book*. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/midiars/files/2021/05/Desinformac%CC%A7a%CC%83o-covid-midiars-2021-1.pdf>. Acesso em: 22 out. 2025.

RICARD, Julie; MEDEIROS, Juliano. Using Misinformation as a Political Weapon: COVID-19 and Bolsonaro in Brazil. *Misinformation Review*, The Harvard Kennedy School (HKS), v. 1, n. 2, 2020. Disponível em: <https://misinforeview.hks.harvard.edu/article/using-misinformation-as-a-political-weapon-covid-19-and-bolsonaro-in-brazil/>. Acesso em: 22 out. 2025.

SIAROVA, Hanna; STERNADEL, Dalibor; SZŐNYI, Eszter. *Research for CULT Committee: Science and Scientific Literacy as an Educational Challenge*. Brussels: European Parliament, 2019. Disponível em: [https://www.europarl.europa.eu/RegData/etudes/STUD/2019/629188/IPOL_STU\(2019\)629188_EN.pdf](https://www.europarl.europa.eu/RegData/etudes/STUD/2019/629188/IPOL_STU(2019)629188_EN.pdf). Acesso em: 22 out. 2025.

TANDOC JUNIOR, Edson; LIM, Zheng Wei; LING, Richard. Defining “fake news”. *Digital Journalism*, v. 6, n. 2, p. 137-153, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1080/21670811.2017.1360143>. Acesso em: 22 out. 2025.

VERBI Software. *MAXQDA 2024* [computer software]. Berlin: VERBI Software. Disponível em: www.maxqda.com. Acesso em: 22 out. 2025.

WARDLE, Claire; DERAKHSHAN, Hossein. *Information Disorder: Toward an Interdisciplinary Framework for Research and Policy Making*. Council of Europe Report, DGI, 2017. Disponível em: <https://edoc.coe.int/en/media/7495-information-disorder-toward-an-interdisciplinary-framework-for-research-and-policy-making.html>. Acesso em: 22 out. 2025.

WE ARE SOCIAL. *Digital 2024: Global Overview Report*. 2024. Disponível em: <https://datareportal.com/reports/digital-2024-global-overview-report>. Acesso em: 24 out. 2025.